

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Joseilson Jales Alves
(graduando em Letras/Espanhol na UERN)
Maria Graceli de Lima
(Pós-graduanda em Letras – PPGL/UERN)
Maria Lúcia Pessoa Sampaio
(Phd na Universite de Paris VIII)

RESUMO: Este artigo tem a finalidade de discutir a variação linguística no ensino de língua materna, procurando analisar o tratamento dado a este fenômeno no livro didático “Tudo é Linguagem: língua portuguesa” de Borgatto (2009). Temos como objetivo desenvolver uma análise focalizando três pontos principais levantados através de questionamentos feitos por Bagno (2007). Nesse sentido, analisaremos se o livro didático discute a variação linguística, compreendendo-a como resultado de uma diversidade de fatores socioculturais de uma comunidade linguística. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados foram baseados nos estudos de Alkimim (2011), Borgatto (2009), Bagno(2004, 2005, 2007), Camacho (2011), Dionisio (2005), PCN (1998), com discussões sobre a variação linguística, seus conceitos e pressupostos, como também seu tratamento no LD e nos PCN’s. Pudemos verificar, por meio das análises, que o LD aqui avaliado aborda a variação linguística, porém com limitações no que se refere ao tratamento da variedade padrão e da norma culta.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística, livro didático de português, ensino.

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística como ciência que estuda a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, vem fazendo com que reconheçamos a existência dessa heterogeneidade da língua. É um grande passo para que se modifique a ideologia do monolinguismo no Brasil que ainda hoje insiste em uniformizar a língua falada por seus habitantes. A mudança dessa ideologia começa a partir da conscientização na educação da população brasileira. Nesse assunto, a escola tem o papel fundamental de adotar uma atitude realista diante dessa diversidade e revisar o ensino preconceituoso da língua portuguesa, além de difundir novos estudos sobre a diversidade multilinguista de nossa sociedade.

Dessa forma, usando os conhecimentos que a sociolinguística nos oferece a respeito da variação linguística, bem como os estudos que os autores: Alkimim (2011), Borgatto (2009), Bagno (2004, 2005, 2007), Camacho (2011), Dionisio (2005), PCN (1998) disponibilizam sobre as implicações destas variedades no ensino da língua portuguesa apresentadas no LD.

Analisaremos fragmentos do livro “Tudo é Linguagem: língua portuguesa” de Borgatto (2009) pertencente a 6ª série do ensino fundamental. Nossa pesquisa irá discorrer sobre o tratamento do fenômeno linguístico abordado pelo LD.

O trabalho se constituirá da seguinte maneira: discutiremos sobre a sociolinguística e seu objeto de estudo, mitologia do preconceito linguístico, a variação linguística no ensino de língua portuguesa e por fim, o tratamento das variedades linguísticas no LD de língua portuguesa. É necessário observar que serão utilizadas na análise apenas fragmentos pertinentes a essa pesquisa e que abordam o referencial teórico apresentado. Quanto à análise, nossa avaliação se pautará no seguinte roteiro proposto nos estudos de Bagno (2007):

1. O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?
2. O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?
3. O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?

O trabalho é de grande relevância para nós docentes que ainda nos encontramos em processo de formação. Com essa pesquisa, pudemos refletir melhor sobre como se deve trabalhar as variedades linguísticas no ensino de língua materna.

A SOCIOLINGUÍSTICA E SEU OBJETO DE ESTUDO

De acordo com os estudos de Alkimim (2011) e de Camacho (2011), a Sociolinguística é um ramo que nasce da Linguística e que tem sua fixação no ano de 1964. Essa corrente:

[...] reuniu e agregou, no seu início, pesquisadores marcados pela formação acadêmica em diferentes campos do saber e marcados também pela preocupação com as implicações teóricas e práticas do fenômeno linguístico na sociedade [...]. (ALKIMIM, 2011, p. 50).

Assim como as demais correntes, a Sociolinguística considera a *relação linguagem e sociedade*. Saussure grande influente do século XX se detém ao estudo da língua, defendendo que o sistema da língua é invariante, ou seja, não varia a maneira como os falantes de uma sociedade falam, assim sendo, a Sociolinguística se detém do estudo daquilo que Saussure deixa de lado que é a fala e suas variações linguísticas.

Segundo Alkimim (2011, p.31), o objeto de estudo da Sociolinguística é “a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”, sendo o seu ponto de partida a comunidade linguística, esse campo de estudo tem por

objetivos definir o objeto de estudo da Sociolinguística que são as *variações linguísticas*, essas apresentadas como as diferentes maneiras de falar presentes em uma comunidade linguística. A Sociolinguística torna-se uma *área interdisciplinar*, porque busca em outras áreas explicações e contribui em outras áreas como a Antropologia, a Sociologia da linguagem, a Etnografia da comunicação, dentre outras, porém apesar de apresentar essas contribuições em outras áreas ela é *autônoma*.

Existem mais duas outras correntes que resultam da Sociolinguística: a Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Variacionista. A Sociolinguística Interacional, segundo Camacho (2011, p.50), é aquela em que os estudos estão “[...] fortemente ligados à análise da conversação [...]”, em que se analisa o processo de comunicação e a interação verbal. Enquanto que a Sociolinguística Variacionista é aquela que por sua vez analisa a linguagem em seu contexto social, focalizando as variações linguísticas existentes nas línguas, o que essa corrente faz é “[...] correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares.” (CAMACHO, 20011, p. 50).

Segundo os sociolinguístas, uma língua pode exibir *variedades* e uma comunidade também, no caso da língua portuguesa, são exemplos: variedade nordestina, variedade paulista e variedade carioca. São essas variedades linguísticas que constituem o que a Sociolinguística chama de *repertório verbal*, a língua, segundo eles, também vai sempre apresentar *variações linguísticas*, por isso não vai ser considerada de natureza homogênea e sim heterogênea, pois comporta variedades, sendo esse o foco de estudo da Sociolinguística.

A Sociolinguística defende que língua e as variações são inseparáveis, e também que a diversidade linguística não é “[...] um problema, mas sim uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico [...]” (ALKIMIM, 2011, p. 33). Esse campo de estudo sustenta que as variações se dividem em *variação geográfica (ou diatópica)* e em *variação social (ou diastrática)*. A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, que podem ser observadas a partir das origens geográficas dos falantes. Enquanto que a variação social ou diastrática é aquela que se relaciona a um conjunto de fatores voltados tanto para a identidade dos falantes, como também para a organização sociocultural da comunidade linguística.

Apontam-se ainda alguns fatores que por sua vez se relacionam às variações de natureza social, como a classe social, a idade, o sexo ou a situação do contexto social. Essas variações que se relacionam ao contexto social podem ser chamadas de *variações estilísticas ou registros*. Desse modo, os falantes fazem uma diversificação na sua fala, quando utilizam

estilos e registros diferentes, o que vai depender das situações em que vão ocorrer as interações verbais entre os sujeitos falantes.

Existem ainda os conceitos de *variedade de prestígio* e de *variedades não prestigiadas*. A variedade de prestígio é a padrão, aquela que tem mais prestígio em uma comunidade linguística e a variedade não padrão é aquela que não se apresenta como “correta” de se falar pelos falantes de determinadas comunidades linguísticas, sendo essa a variedade de não prestígio.

São assim que se apresentam alguns dos conceitos e pressupostos com os quais a Sociolinguística lida. Seu ponto de partida vai ser sempre a comunidade linguística, em que podem se encontrar os diversos tipos de falares e conseqüentemente o fenômeno linguístico das variações linguísticas, o que se destaca ainda é que essas variações são a prova de que não existe língua homogênea, e sim heterogênea, já que ela vai sempre comportar um número até mesmo ilimitado de variedades.

MITOLOGIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Já se discutiu a respeito do objeto de estudo da Sociolinguística, agora, portanto, faz-se uma discussão a respeito de um assunto que está diretamente relacionado às variações linguísticas: o preconceito linguístico que tem persistido na sociedade e que também predomina na língua portuguesa do Brasil.

De acordo com os estudos de Bagno (2003), existem mitos e são esses que acabam por constituir o que chamamos de preconceito linguístico. Tais mitos constroem-se a partir da ideia daquilo que é considerado “certo” e “errado” na língua falada. Geralmente o chamado preconceito linguístico costuma ser, segundo esse autor, sustentado pelas classes dominantes, quase sempre estão a serviço delas, a mídia é um exemplo disso, os jornais, rádios dentre outras fontes da mídia, são também sustentados pelos meios tradicionais de ensino de língua materna, como a gramática normativa (aquela que procura sempre ditar o “certo” e “errado”) e até mesmo os livros didáticos. Esse preconceito linguístico, segundo Bagno (2003):

[...] se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. (BAGNO, 2003, p. 40).

São discussões como estas apresentadas por este autor que desmistifica a noção errada de língua nas salas de aula de ensino do nosso país. Alguns gramáticos e docentes, por exemplo, procuraram o “ideal de homogeneidade”, ou seja, tentam impor a norma linguística idealizando e querendo que todos os indivíduos falem uma única língua da mesma maneira, sempre do mesmo jeito o que se torna impossível, como afirma Bagno (2003), já que em um país como o Brasil existe uma grande diversidade e variabilidade de português. A respeito das normas cultas e literárias impostas pelos escritores e instituições oficiais, por exemplo, Bagno (2003) articula que:

[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os *sem-língua*. (BAGNO, 2003, p. 16).

O que Bagno (2003) quer dizer é que não existe uma língua única, idêntica, deste modo homogênea, como tentam empregar os jornalistas e gramáticos, mas sim uma língua heterogênea que apresenta um multilinguismo, ou seja, uma grande diversidade linguística que é cheia de variações. No caso do Brasil, o problema é que se prega o chamado monolinguismo, na tentativa de empregar na sociedade uma mesma língua (literária ou culta) e busca-se um ideal de homogeneidade querendo que todos os indivíduos da sociedade falem da mesma maneira, esquecendo-se, portanto, que a língua é heterogênea e não homogênea.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tomando por base os estudos realizados, podemos constatar que o tratamento da variação linguística no ensino de língua portuguesa costuma ser problemático, como se observa, isso acontece porque é construída uma mitologia de preconceitos linguísticos que giram em torno da metodologia de ensino de língua portuguesa e que acabam por trazer diretamente implicações para o ensino de língua.

Sabemos que a língua portuguesa brasileira, como assegura Bagno (2003, p16), “apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade”, essas que são motivadas tanto por fatores de ordem geográfica, como também pelo contexto social e dentre outros fatores, todavia nas escolas ignoraram essa diversidade e conseqüentemente os fenômenos linguísticos inerentes a língua, as variações linguísticas. A esse respeito Bagno (2003) afirma:

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização. (BAGNO, 2003, p. 15).

O que se mostra é que a escola procura sempre impor o monolinguismo, ou seja, impor a norma de língua culta, desprezando o multilinguismo existente no português brasileiro, estabelecendo noções de “certo” e “errado”, o que na verdade não se pode fazer, uma vez que “a língua é essencialmente heterogênea, variante e mutante” (BAGNO, 2007, p. 130). Essa situação se comprova quando se analisa o tratamento o qual é dado às variações linguísticas nos (LD) livros didáticos, nesses sobressai o preconceito linguístico contra as tendências de variações linguísticas, acontece que a norma culta costuma ser privilegiada e cria-se a idéia de que as variações linguísticas estão ligadas a uma escolarização. Bagno (2007) expõe que este é um dos principais problemas encontrados nos LD's:

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais ‘correto’, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.(BAGNO, 2007, p. 15).

Além de associar as variações ao sinônimo de pessoas não escolarizadas, nos LD's costuma-se também estabelecer um preconceito maior contra algumas variedades, as da zona rural são, um exemplo, porque trabalha-se geralmente nos LD's com as variedades da zona urbana, ao passo que essas são consideradas como as variedades de modo mais “correto” (falsa noção), quando não existe na verdade, como diz Bagno (2007, p.130), “nenhum grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado” do que o outro”.

Outro problema maior ainda da abordagem das variações nos LD's é o da terminologia, confunde-se a norma-padrão fixada pelas gramáticas com uma variedade real de língua (norma culta) empregada pelos falantes escolarizados, não se separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas), o que prevalece segundo Bagno (2007) é:

[...] a idéia de que o ‘português são dois’, quando na realidade, o **português brasileiro são três**: uma norma-padrão, que não é a língua de ninguém; um conjunto de variedades estigmatizadas e um conjunto de variedades prestigiadas, cada um deles caracterizando grupos sociais específicos. (BAGNO, 2007, p. 131).

Esse é um grande problema presente nos LD's, porque trabalham com a idéia de dois português: o padrão e o culto, deixando de lado o português que é estigmatizado por não seguir nem a norma padrão nem tão pouco a culta, ou seja, não seguir nenhum dos dois português que eles (DL's) adotam.

Segundo Bagno (2007), ainda existem muitos outros problemas relacionados à abordagem das variações nos DL's: como o tratamento das variações de modo superficial que se limita à comparação de sotaque e léxico sem um aprofundamento em uma variação que seria importante no ensino de língua, como a morfossintática que, segundo o autor, são “[...] os usos diferenciados que cada grupo social faz dos *recursos gramaticais* da língua”. (BAGNO, 2007, p.132).

Na tentativa de mudar essa realidade, linguistas e educadores têm desenvolvido políticas de ações como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o qual faz uma avaliação do tratamento dado aos livros didáticos no ensino fundamental e os distribui, o que acaba proporcionando e contribuindo uma melhor qualidade nos livros didáticos de língua portuguesa. Apesar de ações como essas, Bagno (2007, p.119) descreve que ainda “o tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático”.

Segundo Dionísio (2005), os PCN's (1998) reconhecem a variação linguística do português brasileiro e o seu valor social seja ele positivo ou negativo atribuído às variedades linguísticas. Os PCN's orientam uma mudança de atitude e o cuidado para não se reproduzir, no espaço escolar, a discriminação linguística e, ainda orienta, um ensino da língua materna pautado pelas situações reais de uso e não somente pela tradição gramatical prestigiada. Analisaremos a seguir a variação linguística segundo o LD de língua portuguesa.

O LD DE PORTUGUÊS E O TRATAMENTO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Com base nas discussões anteriores, analisaremos alguns fragmentos do Livro “Tudo é português” do 6ª ano (Ensino Fundamental), que nos possibilitará compreender melhor as propostas de estudo das variações linguísticas no ensino de língua portuguesa.

Para isso, de acordo com algumas questões desenvolvidas por Bagno (2007), analisaremos o tratamento das variedades linguísticas no livro didático.

FRAGMENTOS 1 E 2: O TRATAMENTO SE LIMITA ÀS VARIEDADES RURAIS E/OU REGIONAIS?

Os encaminhamentos didáticos e pedagógicos do livro em análise “Tudo é linguagem: língua portuguesa” de Borgatto (2009) orientam o trabalho com o fenômeno da variedade linguística. Verifica-se logo na primeira unidade da obra em análise, o trabalho com a variação linguística e este apresenta-se da seguinte maneira: em um primeiro momento são apresentadas noções de língua e linguagem, a língua como sendo o meio mais utilizado pelo seres humanos para interagir em sociedade e a linguagem apresentada em sua diversidade através das mais variadas formas. Em um segundo momento, o LD começa, então, por abordar a variação linguística e traz como sendo uma das variedades do português brasileiro, *o português ensinado na escola*, este especificamente citado como uma *variedade padrão* que foi estabelecida por razões históricas e sociais.

FRAGMENTO 1

Um pouco mais sobre variedades linguísticas

A língua portuguesa não tem uma forma única e acabada. O português que aprendemos na escola é uma das variedades da nossa língua que foi estabelecida como padrão por razões históricas e sociais. Dizemos que é “uma variedade” porque existem outras, que ocorrem com características diferentes de acordo com:

- a região, o espaço geográfico a que o usuário da língua pertence;
- a situação em que é utilizada;
- a faixa etária e o nível sociocultural das pessoas que a utilizam;
- a intenção daquele que produz a mensagem.

O fragmento um (1) aqui analisado, reconhece que existem outras variedades além da padrão e entende que fatores como a região, a situação, a faixa etária, o nível sociocultural e a intenção do que produz a mensagem são fatores determinantes para explicar as possíveis variações linguísticas. A exemplo disso, o LD cita a existência de variedades regionais como a nordestina e mineira, contudo, apesar de mostrar que existem outras variedades linguísticas (além da que cita: variedade padrão), não ocorre uma discussão mais ampla sobre este assunto, o que possivelmente gera no aluno um certo preconceito com relação as demais variedades como as regionais.

Segundo Bagno (2005), todo professor de língua portuguesa deve ensinar as regras da norma-padrão, já que estas fazem parte dos processos didáticos no ensino de língua materna, porém o ensino não deve se resumir apenas aos princípios da norma culta (idealizada pela norma-padrão), existem outros recursos da língua que podem dinamizar o ensino tradicional além da norma-padrão, como afirma Bagno (2005):

[...] a norma-padrão tradicional oferece uma das muitas possibilidades de combinação dos recursos existentes no sistema da língua. Essa opção não é, linguisticamente nem mais bonita, nem mais lógica, nem mais certa do que as outras: é apenas resultado de um processo histórico de seleção (e portanto, também, de omissão). Ela representa, até, em algumas aspectos, um empobrecimento, uma redução dos recursos gramaticais à disposição do falante.(BAGNO, 2005, p. 158).

Deste modo, o que se pretende mostrar é que a norma-padrão é importante no ensino de língua materna, mas esta não pode vir acompanhada de um certo preconceito, não se pode trazer para os alunos uma visão de que determinada variedade é “errada” ou “feia” e outra é “certa” ou “bonita”. Precisa-se que o docente mostre aos seus alunos que na língua portuguesa existem diferentes possibilidades de comunicação, e que cabe a ele (falante) saber escolher e empregar essas diferentes possibilidades ao contexto que mais achar adequado ou não.

Apesar de não apresentar uma discussão mais ampla sobre as variedades regionais, no fragmento que se segue podemos identificar um ponto importante que o LD em análise oferece.

FRAGMENTO 2:

2. Situação

Nem sempre o uso da língua é reflexo da região em que é falada. Muitas vezes, altera-se o uso de acordo com a **situação** em que a língua é empregada. Você verificará isso fazendo a atividade a seguir.

O que podemos observar no fragmento acima é que o LD alerta o aluno para o fato de que o uso da língua se adequa aos determinados tipos de situação, como cita Dionísio. Outro ponto importante também é que o LD traz, algumas vezes, para os alunos atividades de transcrição/reescrita de expressões ou palavras na variedade informal do texto, esses dois pontos observados são de relevância para o aluno como afirma Dionísio (2005), porque “a reescritura pode oferecer ao aluno condição para flexão e apreensão das variedades linguísticas, ou seja, pode, realmente, fazer com que o aluno atente para ‘a condição de uso de formas que são esperadas e adequadas em diferentes tipos de situações que terminam por configurar em nossa sociedade’ (DIONÍSIO, 2005, p. 82).

FRAGMENTO 3: O LIVRO DIDÁTICO SEPARA A NORMA-PADRÃO DA NORMA CULTA (VARIEDADES PRESTIGIADAS) OU CONTINUA CONFUNDINDO A NORMA-PADRÃO COM UMA VARIEDADE REAL DA LÍNGUA?

O fragmento a seguir expõe a linguagem coloquial e informal como língua, oral ou escrita que deve ser utilizada em situações em que não haja preocupação com regras de uso da variedade padrão da língua, esta última é apresentada como uma forma de uso da língua.

FRAGMENTO 3

Variedades linguísticas

A **linguagem coloquial** ou **linguagem informal** é a língua — oral ou escrita — que se utiliza em situações mais descontraídas, sem a preocupação de seguir as regras de uso da variedade-padrão da língua.

A **variedade-padrão** é a forma de uso da língua considerada como a mais adequada para ser utilizada, por exemplo, em documentos oficiais, textos científicos, textos legais, em alguns tipos de textos jornalísticos. A **variedade-padrão** é também chamada de **linguagem formal** e suas regras estão descritas na **gramática normativa**.

Já a **linguagem coloquial** ou **informal** é característica, por exemplo, da fala utilizada em uma roda de amigos, entre os familiares, na escrita de diários, agendas ou em situações em que a linguagem não precisa seguir regras rígidas da linguagem considerada padrão.

A linguagem coloquial, principalmente a oral, pode ser marcada pelo uso de palavras e expressões mais utilizadas no dia a dia, gírias, expressões regionais ou ainda pelo emprego de formas reduzidas de palavras. Veja alguns exemplos:

- gíria: *cara, mó legal*;
- expressão regional: *semáforo, sinaleira, sinaleiro, farol* — cada região do Brasil utiliza uma expressão para fazer referência ao sinal luminoso de trânsito;
- formas reduzidas: *cê (você), tá (está), né (não é), tô nem aí (estou), pra (para), vó (avó)*.

Vale ressaltar que a confusão é feita com relação à norma-padrão e à norma culta, porque confunde-se a norma-padrão com uma variedade real de uso na língua portuguesa (norma culta), quando afirma, por exemplo, que “a variedade-padrão é a forma de uso da língua considerada como a mais adequada para ser utilizada, por exemplo, em documentos oficiais, textos científicos, textos legais, em alguns tipos de textos jornalísticos” (BORGATTO, 2009).

FRAGMENTO 4: O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO FICA LIMITADO AO SOTAQUE E AO LÉXICO, OU TAMBÉM ABORDA FENÔMENOS GRAMATICAIS?

Essa atividade proposta discute a linguagem formal e informal como também sendo variedades linguísticas. Nesta atividade há uma tentativa de condicionar o aluno a adotar a

segunda opção de possibilidade de uso da linguagem (formal). No fragmento “b” há alterações em relação ao fragmento “a”.

FRAGMENTO 4

1 Compare duas possibilidades de utilização da linguagem.

a. Primeiro, releia em voz alta e com bastante expressividade o trecho seguinte, retirado do conto *O caso do espelho*:

“A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar para casa.
— Que é isso, menina?
— Aquele cafajeste arranhou outra!
— Ela ficou maluca — berrou o homem, de cara amarrada.
— Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!”

b. Leia agora o mesmo fragmento, rescrito com algumas alterações na linguagem:

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando desesperadamente.
— Que é isso, menina?
— Aquele mau-caráter arranhou outra mulher!
— Ela ficou descontrolada — falou o homem em altos brados, muito bravo.
— Ontem, eu o vi escondendo um pacote na gaveta do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Está lá! É o retrato de outra mulher!”

Notamos que o tratamento da variação no livro didático fica limitado ao *sotaque* e ao *léxico*, pois as atividades são propostas apenas com a finalidade de identificação desses dois fatores. Em alguns exercícios ocorre o tratamento de fenômenos gramaticais como as expressões pronominais, porém isto acontece de uma maneira muito reduzida.

O que podemos considerar aqui é que não existem falantes de língua portuguesa que dominem totalmente uma linguagem formal, além disso, se considerarmos que é uma situação de conversa entre mãe e filha fica evidente que não é possível em situações reais de uso da língua ocorrer uma construção verbal como esta que a atividade propõe (uso total de uma linguagem formal).

Os exercícios dão conta apenas de transcrever expressões informais para formais, sendo sempre esta última apresentada como a mais adequada. Vejamos no fragmento a seguir:

CONSIDERAÇÕES

Foi possível comprovar através das três questões levantadas por Bagno (2007), que o tratamento não se limita às variedades regionais e rurais e sim a variedade padrão (considerada como a mais adequada). Confunde-se a norma-padrão com a norma culta, considerando-se a norma-padrão com uma variedade real de uso na língua portuguesa. Apesar de abordar fenômenos gramaticais como tratamento de pronomes, o livro fica mais limitado ao sotaque e ao léxico. O LD, de certa forma continua a tratar do “certo” e do “errado”

quando privilegia uma determinada variedade (padrão/culta e formal) e desprivilegia outra (informal/coloquial).

Como assegura Bagno (2007), é preciso trabalhar com textos mais autênticos que retratem a diversidade linguística do português brasileiro e que expressem a realidade linguística existente na sociedade, visto que as variedades estão presentes em todas as comunidades de fala. Precisa-se alertar para o fato de que essas variedades privilegiadas (padrão/culta e formal) não são correspondentes aquilo que tradicionalmente se prega pelas gramáticas.

Apesar de ainda não ser trabalhado a questão das variações como se deveria, percebe-se uma grande tentativa, por parte dos autores, de adequar e modernizar seus livros didáticos, com base nos estudos da Sociolinguística sobre a heterogeneidade constitutiva das línguas humanas. Seguramente, esse é o primeiro passo para modificar o preconceito linguístico, ainda hoje tão enraizado em nossa cultura, e promover um ensino linguístico pluralizado no Brasil. Desta forma, falta somente o livro didático analisado, saber realmente trabalhar o elemento da variação linguística de uma maneira mais ampla e exata, enxergando o fenômeno da variação linguística como um fato social e cultural da língua.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, T. M. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

BORGATTO, A, M, A. Conto popular em prosa. **Tudo é linguagem: língua portuguesa**. BERTIN, H, C, T; MARCHEZI, C, L, V. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 31 ed. São Paulo: Edições Loyla, 2004.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: português**. V. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística — parte II, In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1 São Paulo: Cortez, 2011, p. 49-75.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 75-88.